

Representações e estereótipos dos imigrantes russos e ucranianos na sociedade portuguesa*

Maria Manuela Mendes

Introdução

Neste artigo, pretende-se refletir sobre a questão: ao se confrontarem com a sociedade dominante, ou seja, com o “Outro¹ majoritário”, que representações constroem e que emoções experienciam, em geral, os imigrantes russos e ucranianos residentes na Área Metropolitana de Lisboa²?

A escolha do estudo dos imigrantes russos e ucranianos deve-se em grande medida ao fato de estarmos diante de cidadãos estrangeiros não comunitários, com uma experiência recente de imigração em contexto nacional, supostamente mais próximos da sociedade receptora – de forma visual (aspectos de caráter físico) e cultural. Optou-se por estudar, em conjunto, os russos e ucranianos, apesar de serem grupos imigrantes heterogêneos no seu interior e entre si, porém com afinidades e proximidades geográficas, históricas e culturais, já que, até os anos de 1990, faziam parte da ex-União Soviética – eles próprios se autoavaliam como os mais próximos, nomeadamente, entre os quatro grupos imigrantes da “Europa do Leste”, com maior número de representantes. Por outro lado, os russos não têm sido muito visados pelas pesquisas levadas a efeito em Portugal, devido possivelmente à sua menor visibilidade e a sua dimensão menos significativa entre outros grupos imigrantes da Europa do Leste.

* Contamos, aqui, com a leitura comentada de Christiane Coelho, a quem agradeço os comentários e a revisão final do texto.

1. Como bem refere Patrick Champagne, os “Outros” têm quase sempre um conteúdo impreciso, o mesmo acontecendo com o “Nós”, que é uma classificação que não se baseia em critérios unívocos e não tem fronteiras bem claras, o que pode gerar múltiplas interpretações. Contudo, o mesmo autor clarifica estas duas noções, ao dizer que o “Nós” pode funcionar como um núcleo fundamental de resistência, transmitindo um sentimento de segurança que envolve os pares, ou seja, aqueles em quem se confia e com os quais há identificação. Os “Outros”, por sua vez, suscitam sentimentos de insegurança ontológica e até de ameaça (cf. Champagne *et al.*, 1990, pp. 49-51).

2. Este artigo tem por base um dos capítulos da minha tese de

doutorado em Sociologia Geral (cf. Mendes, 2007). Quanto ao itinerário de pesquisa empírica e numa perspectiva de aprofundamento e de aproximação ao “objeto real”, mobilizaram-se, entre as principais técnicas, a análise documental, a análise estatística e a entrevista em profundidade. Constituindo a linguagem e o discurso duas das principais mediações pelas quais se opera a transmissão das representações sociais, privilegiamos como material de análise (*corpus* central), nomeadamente neste texto os depoimentos recolhidos em 34 entrevistas em profundidade com imigrantes russos e ucranianos.

3. Consideramos apenas as quatro nacionalidades da Europa do Leste com maior número de estrangeiros. Em 2004, existiam em Portugal 264.222 estrangeiros com Autorizações de Residência (ARs), e 183.832 com Autorizações de Permanência (APs) [total concedido entre 2001 e 2004]. Em 2008, o número de estrangeiros legalmente residentes quase duplicou, registrando-se a presença de 440.277 indivíduos. Observa-se, contudo, um decréscimo no quantitativo de ucranianos, com 52.494 residentes, e de russos, com 6.194, enquanto os brasileiros somam, desde 2007, o contingente mais numeroso, com 106.961 efetivos. A Autorização de Permanência foi um mecanismo legal criado pelo Decreto-Lei n. 4/2001, de 10 de janeiro, que autorizava a permanência de estrangeiros em Portugal, não titulares de visto adequado, mas que reunissem as seguintes condições: a) ser titular de contrato ou proposta de contrato de trabalho com informação favorável do IDICT; b) não ter sido condenado por sentença transitada em julgado em pena privativa de liberdade de duração superior a seis meses; c) não ter sido sujeito de afastamen-

O fato inegável de que o fenômeno da imigração proveniente dos países do Leste europeu é ainda relativamente recente na nossa sociedade, cujos estudos são, em grande medida, incipientes, constitui mais uma razão para a escolha de nosso tema. Até o final de 2004, o número de imigrantes com situação regularizada via Autorizações de Permanência (APs) atingia já os 64.730 indivíduos de nacionalidade ucraniana (mais 1.360 com Autorizações de Residência, ARs), 7.053 russos (mais 1.124 residentes), 12.647 moldavos e 10.944 romenos³. Estima-se que esses quantitativos sejam largamente superiores, pois não contemplam aqueles que ainda não tinham regularizado sua situação de permanência na sociedade de acolhimento. Os estudos até o momento efetuados em contexto nacional privilegiam os ucranianos, de dimensão bem mais expressiva em relação aos demais. Os russos, por sua vez, vêm sendo menos estudados, pautando-se por uma visibilidade social discreta, quase imperceptível.

Os sujeitos entrevistados tendem a focalizar os contrastes, as semelhanças, os aspectos negativos e positivos, assim como as reações emocionais que expressam em contato com os membros da maioria. Sob esse prisma, os imigrantes deixam à mostra os estereótipos que constroem diante da maioria, o que não deixa de ser simultaneamente uma manifestação de adaptabilidade demonstrada por tais grupos minoritários. Relembre-se, a este propósito, que os estereótipos servem a uma variedade de funções nas relações intergrupais: desde logo, uma função primordial, que é a de simplificar o complexo mundo social, proporcionando uma espécie de roteiro a ser acionado para o funcionamento das interações sociais, já que fornecem explicações sobre o comportamento dos *outgroups*. Os estereótipos são geralmente mobilizados pelo *ingroup* para a justificativa de sua superioridade e o reforço de sua autoestima. Quando revelam uma carga negativa, podem envolver ameaças ao *ingroup*, na medida em que se espera que os membros dos outros grupos ajam em detrimento do bem-estar do *ingroup* (cf. Stephan e Renfro, 2002, pp. 191-207). Os estereótipos apresentam ainda a funcionalidade de, entre grupos, transformar diferenças menos claras em diferenças mais nítidas, ou então criar diferenças onde elas não existem (cf. Tajfel, 1972, p. 248).

Relembre-se ainda que os estereótipos são também as componentes cognitivas mais importantes dos preconceitos (cf. Gamella, 1996, p. 313), que se prefiguram como orientações individuais, ainda que socialmente moldadas, e que se podem concretizar em condutas. Ou seja, os preconceitos implicam não só uma representação negativa (reação cognitiva), como também respostas emocionais negativas, em termos comportamentais (internas ao

sujeito e que podem ser publicamente exteriorizáveis), por parte de quem os constrói e manifesta. Os preconceitos têm três componentes: a cognitiva, a afetiva e a comportamental. Confere-se aqui especial destaque não só à componente cognitiva e estereotipada (crenças sobre determinados atributos), mas também à dimensão de caráter afetivo e avaliativo (avaliações negativas e sentimentos de hostilidade). Representar ou representar-se constitui um ato de pensamento pelo qual um sujeito se relaciona com um objeto (cf. Jodelet, 1994, p. 37) e interage. As representações sociais elaboram-se no campo das relações de comunicação e são, simultaneamente, produto e processo de uma atividade mental por meio da qual indivíduos e grupos reconstituem o real, atribuindo-lhe uma significação específica (dimensão simbólica). Na sua produção intervêm processos que derivam de uma dinâmica social e psíquica. Configuram-se como modos de reconstrução social da realidade e constroem-se na interação social, “conflitual e constituinte” (cf. Windish, 1994, p. 177). O trabalho do sociólogo passa

[...] para a análise dos pressupostos das representações sociais, de modo a construir esta economia que integrará na análise todos os “custos” e todos os “lucros” que têm sido ignorados pelas teorias econômicas em sentido estrito, isto é, o conjunto das lutas em que os agentes se envolvem para construir a representação da realidade, e por isso a realidade mais conforme com seus interesses (Champagne *et al.*, 1990, p. 99).

As representações sociais são performativas, partilhadas, e definem uma dada situação social (cf. Moscovici, 1988). Funcionam como um “mapa” cognitivo, tornando a realidade social compreensível, ordenando as relações sociais e os comportamentos de cada um ante os outros e servindo para que cada um se localize, a si e aos outros, no seio da comunidade (cf. Moscovici, 1988; Rodrigues *et al.*, 1986, p. 387).

Constituindo campo de análise nesta pesquisa os contatos entre culturas e grupos linguísticos diferentes, é de se notar que essas interações se efetuam em função das representações, dos estereótipos e dos preconceitos que os “imigrantes do Leste” constroem. As interações entre os grupos em análise e entre estes e a sociedade envolvente ocorrem no quadro de uma “interação socialmente estruturada”. Os agentes da “fala” entram em comunicação num campo em que as posições sociais se encontram objetivamente estruturadas. Como bem refere Pierre Bourdieu, “o outro” que entra em interação com “o eu” se insere numa relação de poder que reproduz a distribuição desigual de poderes agenciadores no nível da sociedade global (cf. Ortiz, 1983).

to do país e se encontre no período subsequente de interdição de entrada em Portugal; d) não estar indicado para efeitos de não admissão no âmbito do Sistema de Informação *Schengen* por qualquer das partes contratantes; e) não estar indicado para efeitos de não admissão no sistema de informações do SEF. Em 2003 a nova lei da imigração revogou o regime das AP (Decreto-Lei n. 34/2003, de 25 de fevereiro). A Autorização de Residência não tinha limite de validade, mas devia ser renovada de cinco em cinco anos ou sempre que se verificassem alterações nos elementos de identificação pessoal. Apenas podiam requerer este título os estrangeiros que residiam legalmente em Portugal há, pelo menos, cinco ou oito anos, conforme se tratava, respectivamente, de cidadãos dos Países ou de outros países e que durante esse tempo de residência não tenham sido condenados, por sentença transitada em julgado, em pena ou penas que, isolada ou no seu conjunto, ultrapassem um ano de prisão. Ver DL n. 34/2003, de 25 de fevereiro.

Em síntese, vamos privilegiar, nesta análise, a dimensão representacional, sendo desde já possível adiantar que, nas suas representações diante da maioria, os imigrantes fazem avaliações que revelam uma dupla componente: de um lado, a positiva, em que enunciam as características preferenciais e as mais apreciadas; de outro, uma faceta negativa, que se focaliza nas características rejeitadas e nos aspectos críticos. Estas avaliações revelam, de forma concomitante, tanto elementos de distanciamento como de proximidade em relação à maioria. São possíveis, no entanto, como veremos, múltiplas avaliações, algumas até de caráter ambivalente e inconsistente.

O confronto com a alteridade: percepções dos imigrantes na sociedade portuguesa

As opiniões e as percepções na sociedade de acolhimento divergem consoante o património de experiências sociais que estes indivíduos vão acumulando ao longo da sua estadia nessa sociedade. Como tendência, aqueles que tiveram experiências positivas, foram bem acolhidos e usufruíram de apoios tendem, *a priori*, a manifestar uma opinião mais favorável do que quem vivenciou experiências essencialmente negativas, como a exploração por parte do empregador (ou dos “intermediários”), o desemprego (temporário ou de longa duração) e a perda de alojamento (com a consequente residência na rua, sem abrigo).

Para aqueles cuja vinda para Portugal é um projeto temporário, por um período bem delimitado, ou seja, que vieram para trabalhar por pouco tempo e economizar algum dinheiro de forma a melhorar a sua situação e regressar ao seu país de origem, é difícil refletir e questionar a sociedade de acolhimento, já que suas preocupações centrais parecem ser outras. Aqueles que vieram com projetos de curto prazo e que acabaram por ficar, ou os que trouxeram a família para aqui permanecer no médio e longo prazos, tendem, é claro, a manifestar uma avaliação mais aprofundada, mais comprometida e, eventualmente, mais favorável da sociedade de acolhimento.

O regime jurídico de cada Estado deixa bem clara a distinção entre cidadãos nacionais e não nacionais, e a sua soberania atua ao mesmo tempo como mecanismo de inclusão e exclusão, pelo que “os cidadãos estão dentro, os imigrantes ficam excluídos” (Checa, 2002, p. 99). Checa afirma que, no Ocidente, a condição de cidadão aparece em essência associada à condição de nacional (fruto da ideia de soberania estatal), e conclui que a cidadania é um conceito de “clausura”, ou seja, uma categoria de fechamento social.

No entanto, e inclusive em contexto nacional, já se operaram importantes mudanças em relação à extensão dos direitos, principalmente dos estrangeiros residentes.

Para a maioria dos imigrantes entrevistados, a sociedade portuguesa manifesta uma opinião positiva e favorável do grupo socialmente conhecido e designado como “imigrantes do Leste”.

Natacha (37 anos, ucraniana, regularizada, ensino superior, quadro técnico, intelectual e científico, casada, dois filhos) observa com agrado a abertura e a disponibilidade manifestada por muitos portugueses, que gostam de “ensinar qualquer coisa, explicar, mostrar, ir mostrar até que [...], pronto, saem e vão mostrar onde é que é o lugar...”. Alguns dos interlocutores estão bem cientes de que a positividade com que são aceitos em Portugal se prende, essencialmente, à necessidade de satisfação das carências de mão de obra em setores pouco prestigiados do mercado de trabalho. Igor (30 anos, russo, não regularizado, onze anos de escolaridade) afirma que a boa aceitação de que gozam se deve ao fato de se encontrarem semelhanças entre estes fluxos migratórios e os de emigrantes portugueses que nas décadas de 1960 e 1970 tiveram de deixar Portugal para trabalhar em alguns países europeus. Os entrevistados reparam que a receptividade é maior entre aqueles que já vivenciaram experiências de imigração. Nesse contexto, Igor reproduz o que já ouviu da parte de alguns portugueses: “Nós compreendemos a vossa situação porque nós também já fomos emigrantes. A minha experiência pessoal foi positiva”.

Mas é sobretudo como trabalhadores que esses imigrantes são apreciados pelos membros da sociedade de acolhimento. Mesmo em comparação com outros grupos migrantes, os entrevistados não têm dúvida de que suas qualidades e capacidades de trabalho os tornam superiores em relação aos demais. Tais qualidades, que, segundo os entrevistados, a maioria lhes atribui, aproximam-se muito das características que os próprios interlocutores atribuem a si mesmos como positivas. Os imigrantes entrevistados destacam o fato de serem reconhecidos como bons trabalhadores (executam bem o trabalho e com mais rapidez), de dedicarem mais horas ao trabalho, de contribuírem para as finanças e para o sistema de segurança social do país de recepção e de possuir uma boa formação escolar. Pedro (25 anos, ucraniano, não regularizado, nove anos de escolaridade, trabalho não qualificado na indústria e na construção, detido) ressalta os níveis de educação e de escolaridade dos imigrantes russos e ucranianos comparativamente a outros imigrantes:

Eu acho que há uma melhor opinião sobre os imigrantes do Leste do que sobre os africanos, porque somos mais civilizados, não acha que é assim? Tem que concordar comigo? Somos mais educados, temos mais estudos, temos outra cultura.

Os portugueses, principalmente os empregadores, parecem apreciar a elevada formação escolar desses imigrantes, a sua dedicação e o seu gosto pelo trabalho, assim como sua alta produtividade. Dima (28 anos, ucraniano, regularizado, ensino superior, operário de indústria e construção, união de fato com imigrante brasileira) salienta que essa opinião é manifesta entre empregadores e chefias:

[...] eu, uma vez, quando falei com um engenheiro lá em Lisboa por causa do meu trabalho, eu disse assim: “Sabe uma coisa, eu acho que o português já precisa um sangue novo”; ele disse assim: “E acho que é bom, porque vocês chegaram cá e vocês têm uma coisa boa, o vosso método de trabalho é bem diferente; vocês chegaram aqui e há muitas pessoas formadas, e aqui, tenho pena, mas não há muitas pessoas formadas”.

Esses trabalhadores parecem revelar outras características, como grande disponibilidade para o trabalho e maior propensão para a mobilidade, nomeadamente geográfica. Vladislav (29 anos, russo, regularizado, ensino superior, empregado da administração, comércio e serviços, casado, sem filhos) acrescenta outros atributos positivos:

Porque mais disponível, pode trocar o lugar... Mais disponível para fazer qualquer tipo de trabalho e trabalha bem porque, se trabalhador [*sic*] bem, se pessoa boa, se chegou cá para ganhar, o objetivo dela é trabalhar mais para ganhar mais. Trabalha sábados, domingos, férias, feriados. Tudo o que é preciso.

Com o seu trabalho, os imigrantes russos e ucranianos têm ajudado a reequilibrar os ativos do Estado, contribuindo para a segurança social e também para as finanças, tendo acerca disso bastante consciência. Nicolai (33 anos, ucraniano, regularizado, ensino superior, operário de indústria e construção) explicita as lacunas que vieram preencher. Para além de ocuparem lugares no mercado de trabalho – lugares rejeitados ou não procurados pelos trabalhadores nacionais –, têm contribuído, ainda, para o rejuvenescimento da população em geral e principalmente da população ativa.

Por exemplo, nós trabalhamos e pagamos no [*sic*] Estado, não é? Pagamos todos meses segurança social, caixas e todas essas coisas. Se nós vamos sair, o país também perde esses dinheiros; muito perder, porque portugueses trabalha [*sic*] muito fora de Portugal e ficam mais velhos, pessoas que não trabalham, só recebem segurança social, e nós fazemos bom para você. E porque aqui nós entramos, pessoas de 20 anos até 35, 40, só trabalhamos.

O fato de esses imigrantes aceitarem trabalhar por baixos salários permite ao empregador gerar mais-valias, um dos motivos para a sua maior procura no mercado de trabalho. As vantagens para os empregadores e para o Estado são evidenciadas por Nina (40 anos, ucraniana, regularizada, dez anos de escolaridade): “Os portugueses sabem que aos ucranianos podem pagar menos. Muitos imigrantes trazem mais riqueza, pagam a segurança social e contribuem para o desenvolvimento do país”.

QUADRO 1

Qualidades mais apreciadas pela sociedade de acolhimento

QUALIDADES HETEROATRIBUÍDAS PELA MAIORIA*	TOTAL
Bons trabalhadores	10
Boa formação escolar	5
São mais mal remunerados	4
Contribuem para a segurança social e para as finanças	5
Inteligentes	3
Trabalham mais	7
Maior disponibilidade e mobilidade	1
Honestos	1
Fazem o trabalho que ninguém quer fazer	1
Beleza das mulheres	3

*Resposta múltipla.

Algumas mulheres assinalam que os homens nacionais apreciam particularmente a “beleza” das russas e das ucranianas. Tatiana (24 anos, ucraniana, regularizada, onze anos de escolaridade, empregada de administração, comércio e serviços, vive com o namorado) afirma: “Isso já ouvi falar. Normalmente os homens dizem: são bonitas, são trabalhadoras”.

Perante o “estranho” e o “desconhecido”, no entanto, é também comum a tendência para a construção de preconceitos e estereótipos sobre essa

“estranheza” e “diferença”. Sergey (43 anos, ucraniano, não regularizado, ensino superior, desempregado, à procura de emprego, casado, um filho) recusa as representações estereotipadas excessivamente redutoras, tendo por base apenas um mero exercício *quantofrênico*: “For example, os chineses têm lojas. Muitos chineses a vender, outras [sic] trabalha. Brasileiros trabalha [sic] restaurantes, café e na [sic] outras; ucranianos trabalha [sic] na *building*, nas limpezas, sim, sim. Esta outra coisa. Esta é estatística”.

O que pensam sobre a sociedade de acolhimento?

Distanciamento e principais diferenças

Alguns dos entrevistados percebem a existência de diferenças profundas nos valores e nas práticas culturais entre portugueses e imigrantes russos e ucranianos, o que cria dificuldades no plano da interação cotidiana, sobretudo na intensidade das relações que estabelecem com os membros da maioria. Em contexto imigratório, até que ponto lhes é fácil ou difícil estabelecer laços de amizade com os cidadãos nacionais?

Apenas oito entrevistados afirmam convictamente que têm amigos de nacionalidade portuguesa (n = 34). Parece ser consensual entre os imigrantes que o domínio da língua portuguesa condiciona a capacidade para se estabelecerem relações de amizade. Svetlana (55 anos, ucraniana, regularizada, ensino superior, à procura de emprego) já frequentou três cursos de língua portuguesa, no âmbito do programa “Portugal Acolhe”, patrocinado pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP), e está ciente de que não pode se aprofundar nas relações de amizade com os portugueses porque ainda tem muitas dificuldades em estabelecer uma conversação: “O problema é a língua. Eu tenho coração aberto para todos, mas não falo a língua, como não falo, não contato. Em Alverca tenho amigas, duas foram minhas professoras, já fui a casa de Guiomar e marido jantar, mas que vou fazer? Eu pouco falo”.

Para além das dificuldades de compreensão da língua, há outros obstáculos que não são imediatamente perceptíveis nas interações iniciais com os membros da sociedade de acolhimento. São apontadas dificuldades associadas a uma atitude de distanciamento, fechamento, volubilidade e até mesmo a percepção de que os portugueses receiam relacionar-se com esses imigrantes. Oleg (38 anos, ucraniano, não regularizado, ensino superior, quadro técnico, intelectual e científico, desempregado) assevera que é muito

difícil fazer amigos entre os portugueses, pois há muitas diferenças culturais: “Eu não sei... população de Portugal não queria fazer amizade ou tem medo de imigrantes, não sei por quê”.

Parece ser difícil estabelecer relações com algum grau de profundidade e intimidade entre portugueses e imigrantes russos e ucranianos. Vladimir (34 anos, russo, regularizado, ensino médio, desempregado, à procura de emprego, casado, sem filhos) caracteriza os relacionamentos mistos de amizade ou companheirismo como de difícil manutenção e aprofundamento:

- Eu posso fazer um contato mesmo, falar, mas também esta amizade não vai prolongar-se, não vamos ir para casa um de outro, isto não. Até um café só para beber ou cerveja, este pode, mas... eu também pode chamar para sua casa, fazer alguns [*sic*] coisas juntos, mas é só um [*sic*] barreira também, até algum tempo.
- Depois acaba tudo?
- Não é tudo, pode dizer “Olá, tudo bem?”, mas [mais] não...

Desde 2000 Dima está em Portugal. Apesar de ser um dos poucos entrevistados que afirmam ter um amigo de nacionalidade portuguesa, admite, no entanto, que as “pessoas de Portugal, a maioria, são mais fechadas; eu acho que mais fechadas. [...] Portugueses são mais cautelosos; não sei, pode ser uma segurança, uma distância que eles querem manter”.

Oleg, por sua vez, admite que não tem amigos entre os membros da sociedade majoritária. Na sua perspectiva, são mais relevantes as diferenças entre nacionais e imigrantes do que propriamente as similitudes, o que poderá justificar algum temor diante de quem não se conhece:

- Difícil, difícil. Eu não sei... população de Portugal não queria fazer amizade ou tem medo de imigrantes, não sei por quê.
- Sente isso?
- Não sei [se posso] pode explicar isso, é mesmo muito diferente.

Algumas das mulheres entrevistadas revelam a falta que sentem das amigas que ficaram no país de origem. Anna (26 anos, russa com cidadania ucraniana, regularizada, ensino superior, empregada de administração, comércio e serviços, casada) revela que com as amigas conversava à vontade e podia sair e divertir-se. Aqui, sente uma espécie de insegurança ontológica, e ainda não conseguiu estabelecer relações de amizade com portugueses. Retrai-se no contato com os nacionais e evidencia alguma dificuldade em objetivar

as razões que comandam tal atitude, alegando que perante o imigrante os portugueses mostram uma tendência a certa atitude de superioridade e de desdém. O marido, por sua vez, não confia nos membros da sociedade majoritária porque já foi várias vezes enganado por empregadores nacionais. A entrevistada afirma:

Ainda não tenho amigos portugueses porque, não sei, nós somos diferentes, é muito complicado. Os portugueses, acho que a mentalidade deles [*sic*] maior que de nós e quando, normalmente... eu trabalhei, fiz limpeza, claro que gente pensou que eu... é meu [*sic*] mentalidade mais baixo que eles, sim.

Os cenários em que a maior parte dos imigrantes encontra oportunidades de conhecer os cidadãos nacionais são os da esfera do trabalho, e a relação mantida é basicamente profissional, o que não é de se estranhar, considerados o pouco tempo de permanência destes imigrantes em Portugal e o caráter laboral dos fluxos migratórios.

Vladimir assinala que as relações com os autóctones se confinam exclusivamente ao contexto de trabalho e nunca, ou muito poucas vezes, extravasam essa esfera. Nicolai confessa que o objetivo de sua vinda para Portugal foi o trabalho, daí que tenda a restringir suas interações aos espaços profissional e doméstico, e por isso só tem amigos entre os seus concidadãos:

Amigos portugueses, só pessoas... só amigos onde nós trabalhamos, o resto não. Colegas de trabalho. São colegas, amigos só da nacionalidade. Amigos é difícil porque culturas outras. Difícil... não sei, difícil... difícil... Porque... porque... nós, a vida é diferente, eu já dizer que nós vivemos com nós, amigos, todos dias falamos com eles, trabalhamos, depois [do] trabalho nós vamos descansar no [*sic*] casa, fazemos comida.

A maior parte dos portugueses com quem estes imigrantes interagem no seu cotidiano constitui apenas meros “conhecidos”. Observam que os portugueses aplicam, com alguma facilidade, a palavra “amigo”. Russos e ucranianos tendem a distinguir “amigo” de “conhecido”, e estabelecem suas interações com alguma seletividade. Ao se relacionarem com os “Outros” (principalmente com o “Outro majoritário”, no caso, os portugueses), vivem quase sempre um certo sentido de responsabilidade e de rigor, criando expectativas que depois são em geral frustradas. Declaram-se, por vezes, ludibriados perante a facilidade e a simpatia com que alguns nacionais se comprometem

ou prometem algo, e depois não cumprem, ou, então, se cumprem, é num tempo mais distendido. Pedro afirma que, quando os portugueses falam no “amanhã”, isso equivale ao “nunca”. Oxana (41 anos, russa, não regularizada, ensino superior, trabalho não qualificado nos serviços) diz que tem dificuldades em confiar nos portugueses, e deixa antever algumas dessemelhanças na forma como russos e portugueses fazem a gestão de suas relações:

Às vezes, eu penso que amizade em Portugal... não existe, às vezes que pelo contrário. A mesma coisa como no meu país. No meu país, claro que depende de pessoa também, mas sobre mim, eu nunca prometo sem saber se tenho a certeza. [...] Em Portugal é fácil: “Logo, claro! E ligue-me”; “Quando?”; “Amanhã”. Ligo, está desligado, depois de amanhã, está desligado ou ninguém atende. Para mim, para mim não dá para explicar porque sempre fui responsável e... sinceramente, é natural que nem toda a gente faça a mesma coisa que eu [...]. Por isso perdi o hábito de confiar e acreditar logo para já, se tenho algum problema já falo com alguém, eu não estou acreditada [*sic*] cem por cento. Lá na minha terra também acontece, mas muito menos...

Há ainda quem declare que é entre os portugueses que estão os “verdadeiros amigos”. Tal posição é sustentada, por norma, entre aqueles que já têm amigos portugueses. É interessante verificar que, na maior parte das vezes, essas amizades são construídas tendo-se por base, na sua origem, a mediação de instituições nacionais. Natacha recebeu, da parte de leigos, colaboradores e religiosos ligados à Igreja Católica, apoios inimagináveis e que muito mudaram o seu trajeto de vida. Sem este suporte, a entrevistada declara que não teria conseguido legalizar-se, enquadrar os filhos em meio escolar, nem obter a equivalência das suas habilitações académicas, o que lhe possibilitou o exercício de uma atividade profissional mais consonante com a sua formação.

Nós temos amigos verdadeiros, verdadeiros, muitos... Como devo dizer?... Temos amigos. Pronto, nós encontramos... mas verdadeiros temos só alguns. Poucos. Realmente amigos porque... pronto, temos a certeza absoluta que qualquer altura posso ir contar com eles ou eles podem contar conosco... Não podíamos fazer muita coisa mas aquilo que podemos fazer...

Parece ser unânime a opinião, entre os imigrantes, de que o apoio e a solidariedade, seja pessoal e informal, seja institucional, são, em regra, prestados pela sociedade de acolhimento. Elena (34 anos, russa, regularizada,

ensino superior, empregada de administração, comércio e serviços, casada com cidadão português) conheceu uma de suas principais amigas portuguesas de forma inesperada nos transportes públicos:

Aquele [*sic*] dona Maria, conhecemos por acaso, aqui no autocarro, que eu perguntei qualquer coisa, ela: “Não tenho anéis”, eu vi um anel que mulheres russos [*sic*] ande [*sic*] com aliança na mão esquerda, na mão direita aqui, mesmo dedo. Eu vi como que estava... Vê-se que não sou portuguesa, ela começou a falar russo, assim conhecemos. Este [*sic*] que duas amigas, é bom... Pode ser, não é preciso mais.

Elena revela que, sempre que precisa de ajuda, é esta cidadã portuguesa que lhe empresta dinheiro.

Embora seja exceção no conjunto dos entrevistados, Vladislav salienta a forte relação de amizade que o une ao seu ex-empregador, de nacionalidade portuguesa. Conheceram-se quando Vladislav chegou a Portugal, em 2001, e foi trabalhar como servente na construção civil. Desde esse dia tornaram-se inseparáveis. Geralmente passam algum tempo juntos, pescam e até organizam piqueniques e passeios em família.

Eu, quando cheguei cá, dois, três meses trabalhava na construção civil e, não sei, acho que tive sorte e um dia encontrei com um português [...]. Uma pessoa simples. E desde aquele tempo eu posso dizer que essa pessoa é meu melhor amigo cá em Portugal. Ele descobriu para mim Portugal. Eu estive com ele nos vários lugares. Viajamos. Eu, esposa, ele, elementos de família dele. Os [*sic*] passagens de ano, Natal, nós festejamos em conjunto.

A afetividade e o companheirismo que Vladislav encontrou junto desse amigo e de sua respectiva família justificam, de algum modo, que o entrevistado tenha uma opinião positiva sobre a sociedade majoritária.

Não obstante, a maioria dos entrevistados tende a focalizar suas sociabilidades apenas no núcleo familiar, isolando-se dos seus compatriotas. Outros, principalmente aqueles que não têm familiares em Portugal, tendem a relacionar-se e a manter relações de maior proximidade com os seus conterrâneos. Esta última situação é a de Sergey, que chegou há cerca de oito meses no país. Ocupa cerca de oito horas por dia no estudo do português e salienta que lhe sobra pouco tempo para fazer outras coisas, confinando-se sua teia de relações aos falantes de língua russa:

Esta [sic] só pessoas ucranianas ou russas. Não só a minha nacionalidade, porque eu tenho comunicações com a Bielo-Rússia língua. Língua é mais fácil para comunicar a mesma [sic] problema, a mesma [sic] interesses, a mesma... Mas agora já tenho pouco tempo para outras coisas, mas agora precisa língua portuguesa.

Casamentos mistos e relações mistas de namoro com portugueses

Entre a população imigrante da Rússia e da Ucrânia há um elevado número de homens sozinhos, e parece ser um dado relevante perceber se há dificuldades ou, pelo contrário, facilidades de esses imigrantes viverem experiências conjugais e/ou de namoro de caráter misto, sobretudo com mulheres portuguesas⁴.

Segundo as *Estatísticas Demográficas*, o quantitativo de matrimônios entre cidadãos portugueses e estrangeiros vem aumentando de forma progressiva. Em 2000, constituíam 2,7% dos matrimônios, tendo passado em 2002 para 4,8%, e em 2003 para 6,7%. Entre as várias nacionalidades, destacam-se os casamentos com indivíduos de nacionalidade brasileira⁵. Em relação a 2004, e de acordo com os dados fornecidos pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteira (SEF), entre os nacionais que protagonizaram uniões conjugais mistas, as preferências nas escolhas recaíam sobre os brasileiros, seguindo-se os oriundos dos Países Africanos de Língua Portuguesa (Palop), e só depois os europeus não comunitários. É de se notar que a maior dimensão destes contingentes (66.634 brasileiros e 140.301 dos dos Palop, em 2004), o seu tempo de inserção na sociedade portuguesa, bem como as potenciais e reais afinidades linguísticas, históricas e culturais com os portugueses podem criar mais oportunidades de uniões exogâmicas. Há uma maior percentagem de uniões protagonizadas por mulheres estrangeiras (5,5%) do que por homens (3,5%). Talvez para a mulher estrangeira seja mais fácil movimentar-se no mercado das escolhas conjugais do que para o homem, o que também pode ser uma possível estratégia de mobilidade pessoal e social. Mas também pode haver uma maior predisposição e abertura dos homens nacionais ante essas escolhas, do que das mulheres, o que deve ser lido à luz dos diferentes modos de socialização e interiorização de expectativas de gênero.

A língua é um obstáculo importante, mas também os assuntos banais de conversa, que parecem estar distantes daquilo que habitualmente é alvo de conversação no seu país. Nicolai fala das dificuldades que o homem dos países da Europa do Leste experiencia quando tenta se aproximar de mulheres portuguesas:

4. Em Portugal, no ano de 2004, registrou-se, ainda, uma forte endogamia, já que mais de 90% dos casamentos celebrados dão-se entre indivíduos de nacionalidade portuguesa. Esta tendência também é observada em outros grupos de estrangeiros, como os nacionais dos países da UE e de outros países europeus. Vale lembrar que nesse ano residiam legalmente em Portugal 66.090 ucranianos e 8.177 russos.

5. *Estatísticas Demográficas*, 2003. Disponível em <<http://www.inec.pt>>.

Porque há pessoas [que] não sabe[m] que falar, então vamos falar, vamos num café e depois que vai falar? [...] Nós podemos falar com mulher na rua [na] minha terra, só vi mulher, “Olá, estás bom”, e falamos. Aqui não, aqui pessoa: “Onde trabalha, onde ele estuda?”.

QUADRO 2
Casamentos mistos em 2004

NACIONALIDADE DO CÔNJUGE FEMININO	NACIONALIDADE DO CÔNJUGE MASCULINO							Total
	Portugal	UE	Outros Europa	Palop	Outros África	Brasil	Outros	
Portugal	45.234 95,4	252 81,3	142 64,2	249 71,3	76 89,4	351 72,5	265 90,4	46.569 94,7
UE	177 0,4	35 11,3	4 1,8	2 0,6	2 2,3	4 0,8	8 2,7	232 0,5
Outros Europa	389 0,8	4 1,3	68 30,8	2 0,6	– –	3 0,6	2 0,7	468 0,9
Palop	270 0,6	8 2,6	3 1,4	94 26,9	– –	– –	– –	375 0,8
Outros África	42 0,1	2 0,6	– –	– –	7 8,2	– –	1 0,3	52 0,1
Brasil	1.165 2,5	6 1,9	3 1,4	2 0,6	– –	126 26,0	2 0,7	1.304 2,6
Outros	159 0,3	3 1,0	1 0,4	– –	– –	– –	15 5,1	178 0,4
Total	47.436 100,0	310 100,0	221 100,0	349 100,0	85 100,0	484 100,0	293 100,0	49.178 100,0

*UE exceto Portugal.

Fonte: SEF (2005).

Vladimir invoca diferenciações no nível das “características da alma”, alegando que ainda não percebeu a orientação e o sentido de vida dos portugueses. O entrevistado é profundamente religioso, tendo concluído um curso de teologia no seu país de origem, e foi num espaço de culto ligado à Igreja Ortodoxa que o encontramos. Quando veio para Portugal, em 2000, trazia a expectativa de desposar uma cidadã nacional, mas ao fim de algum tempo concluiu que o projeto era de difícil concretização. Por isso, em 2003, acabou por regressar ao seu país de origem para casar com uma mulher russa. O entrevistado explicita algumas das dificuldades:

– [...] depois é, por exemplo, eu antes, antes, se eu posso arranjar algum mulher aqui, mas não é para alguma coisa... com papéis, não, é só normal, mas agora já percebi não, tanta diferença, este não dá. Agora já casei com menina da Rússia.

– Havia muita diferença?

– Sim, e eu não sei como passar este [sic] barreira. Tentou, tentou, mas... até alguma coisa pode ser. Antes, amigo de minha idade também, ele tentava me arranjar num bar e... ajudou para ela fazer alguma coisa e também nós tentamos fazer alguma relação.

O entrevistado reconhece que há diferenças insuperáveis, sentindo-se impotente para as ultrapassar. Ele não sabe explicar, mas lhe parece que a hierarquia de prioridades e os objetivos de vida são diferentes para uns e outros. Vladislav, por seu turno, justifica o retraimento da mulher portuguesa com base em preconceitos e em atitudes de superioridade social e até classista ante os imigrantes. As portuguesas são acusadas de usarem estratégias calculistas, quando se trata de relacionamentos mais íntimos. Assim declara o interlocutor:

[...] agora haver diferença entre mulheres portuguesas, é que mais distante dos homens estrangeiros. Não é estrangeiro, homens imigrantes. Porque estrangeiro francês, inglês... já é prioridade para casar-se. Acho que falamos sobre discriminação, generalidade, mas mulheres sempre procuram um bom casamento, não é assim? Esquecem, e os pais é que espera [sic] que vai casar-se com um homem rico. Mas maior parte dos imigrantes de Leste que estão aqui vêm cá para ganhar.

Pedro fala em tom crítico da forma como era tratado pelas mulheres portuguesas sempre que tentava encetar conversas. Acredita que não o rejeitavam tanto por sua condição de imigrante, mas pela de operário. O entrevistado afirma: “As mulheres olhavam de cima, ‘porque estás a falar comigo? Não o conheço. Um imigrante, uh’, mas se fosse inglês, holandês, dinamarquês, era diferente”. As escolhas neste plano são socialmente determinadas, resultando não só da socialização e do quadro de valores do indivíduo, mas também da estruturação classista da sociedade.

Alex (1) (24 anos, ucraniano, não regularizado, ensino superior, operário da indústria de construção) revela que gostaria de ter uma namorada portuguesa, embora reconheça que “portuguesas não gosta [sic] muito de estrangeiros”. As possibilidades de escolha não são, assim, tão numerosas. De forma muito realista, os próprios imigrantes estão cientes de que as

afinidades [se]letivas se sobrepõem a outras motivações. Alex (1) diz: “Se calhar porque eu sou trabalhador; muitas portuguesas querem é senhor que anda no Mercedes ou BMW, que tem ‘papel’, tás a ver? É tudo assim, todos os lados assim; querem é com ‘papel’ este homem”. O indivíduo imigrante age em função da compreensão que constrói sobre a reação das mulheres nacionais.

Boris (25 anos, russo, etnia tchetchena, não regularizado, doze anos de escolaridade, desempregado, detido) também se refere à maior facilidade com que as mulheres do Leste se relacionam com os homens portugueses, já que “mulheres de Leste não se mistura [*sic*] com os de Leste, procura portugueses”; em contrapartida, a mulher portuguesa tem receio dos “imigrantes de Leste”. Estes são ainda vistos como estranhos, desconhecidos, distantes, ainda que fisicamente próximos, por isso “têm medo da mudança, como [*sic*] estes imigrantes, é uma nova coisa, ela pensa que é pior”.

Para uma mulher dos países do Leste, a relação conjugal com um homem português pode resultar em “bom casamento”, permitindo uma ascensão social mais rápida. Entre os entrevistados, apenas duas mulheres russas estão casadas com portugueses. Yvette Rocheron faz referência às dificuldades inerentes às relações mistas: “o futuro do casal exige a aculturação de ambos os parceiros, que podem ser estranhos um ao outro por instantes, especialmente se as mulheres e os homens forjam diferentes concepções de cultura a transmitir” (*apud* Dewitte, 1999, p. 209). Esta afirmação ganha ainda mais pertinência se pensarmos que esses fluxos migratórios ainda são recentes na sociedade portuguesa, e, por isso, a consolidação da sua presença e até de sua integração está ainda no grau zero.

A filha de Oxana, Maria (23 anos, russa, regularizada, divorciada, um filho), já foi casada com um homem português que conheceu pouco tempo depois de ter chegado a Portugal, em 2000. Os maus-tratos físicos e a violência psicológica de que foi alvo, mesmo durante a gravidez, são alguns dos motivos que justificaram o divórcio. Maria conhece e invoca outros casos de amigas de nacionalidade russa e ucraniana cujas relações conjugais mistas também foram malsucedidas. Assim:

Por exemplo... eu tenho amigos rapazes, não há problema nenhum, mesmo amigos. O meu marido disse que não pode ter amigos masculino [*sic*]. Não existe uma amizade. Amigas também não, nenhuma podia telefonar. Não posso falar russo porque ele pensa que eu estou a falar sobre ele, pronto, há muitas coisas... Também uma amiga da Rússia, ela estava a viver com um rapaz, ele também bateu, bateu

nela, pronto, também não sei por quê, por ciúmes, mas... Por exemplo, eu vejo, no Centro há uma mulher da Lituânia que apareceu lá para tratar o visto e nós falamos, não sei quê, ela é casada com português, mas está separada.

Para Maria, o problema reside na forma como o homem português administra a relação conjugal, querendo controlar e coarctar a autonomia da mulher. Some-se a isso o fato de ser exigido da mulher o desempenho de uma sobrecarga de tarefas, não se contando geralmente com a colaboração de seu companheiro. Neste contexto, a entrevistada salienta:

[...] parece que os homens são mais assim para mandar, mais machos. Querem ficar deitadinhos no sofá, querem camisas e calças bem passadas, comida pronta, toda a casa arrumada e eles não, eles saem do trabalho, estão cansados, sem fazer nada... Chegas para casa, tens que fazer isso tudo, é um homem, está cansado, está com dor de cabeça que não consegue-se [sic] levantar.

Para os homens entrevistados, é evidente que as mulheres portuguesas manifestam receio em contatar e relacionar-se de forma mais íntima com os imigrantes da Rússia e da Ucrânia. Os homens imigrantes expressam as dificuldades que sentem em se aproximar das mulheres portuguesas. Assim, Dima diz que as mulheres portuguesas são “mais cautelosas, calculam mais...”.

Elena considera que há uma grande distância social, mas também cultural, entre os homens ucranianos e as mulheres portuguesas. Acha que dificilmente estes homens poderão satisfazer o grau de exigência, assim como as expectativas, das portuguesas numa possível relação de namoro e/ou conjugal:

Eu penso que eles nem deve [sic] aproximar nem cem metros de mulheres portuguesas porque... nunca vai satisfazer, em todos os sentidos, pode ser num sentido, pode ser na cama, não sei, também não conheço muito bem esta parte, mas... eles não... estão noutra nível, se é homem, por exemplo, de grande cidade ou de capital ou assim, pode ser já nível mais alto e... tem que andar, eu penso que tem que andar no teatro, tem que andar no cinema ou a divertir-se. Mas homens que trabalham na obra, ele não vão [sic] levar mulher para teatro, ou pode ser que levem uma vez, chega, mas não é assim.

Anna conhece alguns casos de mulheres do Leste que casaram com portuguesas, notando, com surpresa, a escassez de relações conjugais entre homens

do Leste e portuguesas. Ela observa que uma das razões está vinculada à procura por homens imigrantes de modelos conjugais mais tradicionais, em que a mulher é menos emancipada, mais confinada às tarefas do lar e à maternidade; o que contrasta com a orientação de algumas das mulheres nacionais, mais orientadas para modelos conjugais em que as relações entre os dois sexos são mais simétricas. A entrevistada esclarece: “Eu não sei... Se calhar os nossos homens sabem que mulher da Rússia ou da Ucrânia sabem [*sic*] cozinhar bem, sabem fazer limpeza de casa, mais mulher de família, e os portugueses, mais... feminismo?”.

Viktor (20 anos, ucraniano, regularizado, dez anos de escolaridade) fala sobre os relacionamentos amorosos entre jovens do Leste e nacionais. Entre o seu círculo de amigos e conhecidos, apenas uma concidadã namora com um português; não conhece qualquer situação análoga entre rapazes do Leste e raparigas portuguesas. Na sua perspectiva, seus amigos até gostariam de conhecer e de se relacionar com as jovens nacionais, mas observa, da parte das portuguesas, uma atitude de desprezo, sobrançeria e repugnância, manifesta em gestos, expressões faciais e até no discurso, o que impõe distâncias inultrapassáveis entre ambos. O entrevistado explicita a reação de repulsa que observa:

As raparigas portuguesas têm medo de nós. Nós queríamos conhecer... “Olha uma”, “Eu vou chamar a polícia”, ou uma coisa assim [...] aconteceu aos amigos. Eu também quando estou lá na Alameda com amigos eles querem conhecer... mas elas passam e levam a mal se nós lhes dizemos alguma coisa, ficam assim a olhar.

A forma como os *portugueses interagem entre si* nos mais diversos contextos é também alvo de reparo. Um dos aspectos que mais surpreendeu Natacha foi o relacionamento entre seus colegas de trabalho, que, com alguma facilidade, perdiam o autocontrole e desencadeavam discussões calorosas. A entrevistada revela como ficava atônita perante tais contendas, que rapidamente eram sanadas, ao afirmar que os portugueses:

Rebentam muito depressa. Podem gritar. Vi várias vezes cenas no serviço, que gritavam... por tudo e por nada. E eu pensava: “E eles agora ficam inimigos para a vida toda”, e passados dois dias... já estavam amigos. Para mim, eu não sei, na minha terra isso dói, demora assim, pronto. Nós somos mais fechados.

Para alguns dos interlocutores, a forma como os cidadãos nacionais se relacionam entre si e a *forma como espacializam tais relações* são aspectos

paradoxais e dificilmente compreensíveis. Notam que há uma aparente e contraditória abertura e genuinidade na forma como os portugueses se expõem e interagem no espaço público, contudo, há concomitantemente uma espécie de fechamento quando se trata do espaço doméstico, pautado por interdições e limites aos estranhos.

Leonid (40 anos, russo com cidadania ucraniana, regularizado, ensino superior, operário da indústria e construção) mostra a sua surpresa com o fato de os membros da sociedade majoritária utilizarem os espaços públicos, como cafés e restaurantes, para se encontrar, conversar e até resolver problemas pessoais ou de outra ordem. O entrevistado evidencia que: “Gosta [*sic*] muito da rua, os portugueses”. Para os imigrantes, os portugueses elegem os espaços públicos como cenários de relação e sociabilidade, enquanto para os imigrantes o espaço doméstico é o lugar por excelência de interação, percebido como lugar de pertença e revelador do *Eu* pessoal.

Vladislav estranha a prática de se ir ao café várias vezes durante o dia, afirmando que, na Rússia, “não usa-se [*sic*] muito lá”. O espaço pessoal e social, assim como a forma pela qual os indivíduos o vivenciam, remete-nos de imediato à hipótese da proxêmica, de Edward T. Hall, segundo a qual “indivíduos que pertencem a culturas diferentes não só falam línguas diferentes, mas, o que por certo é mais importante ainda, habitam mundos sensoriais diferentes” (1986, p. 13). Ora, em Portugal, e como lembra Hall (*Idem*, pp. 103 e 164), à semelhança do que acontece em outros países da bacia mediterrânica em que a “vida sensorial é mais intensa”, tendencialmente a casa é para os sujeitos um espaço reservado à família, enquanto os lugares exteriores são consagrados às relações sociais⁶.

No plano das práticas culturais, os entrevistados fazem referência, porque lhes causam estranheza, às *práticas de comunicação* atribuídas aos portugueses: o uso de palavrões, o alto tom de voz e o recurso excessivo à gestualidade, bem como a higiene inerente ao ato de cumprimentar os outros. Olga (40 anos, ucraniana, regularizada, ensino técnico, trabalho não qualificado nos serviços) declara que, quando “fala [*sic*] duas pessoas e todo autocarro sabe o que elas fala [*sic*], isto não gosta, na Ucrânia não faz isto”. Para os entrevistados, o teor das conversas públicas entre portugueses e o tom de voz demasiado alto são vistos como formas de intrusão no espaço privado do “Outro”. O volume da voz e a forma como se conversa em público são também práticas culturalmente condicionadas.

A forma pela qual os portugueses se cumprimentam com um “beijinho na face” é classificada como não higiênica por Anastacia (46 anos, russa,

6. Hall (1986, p. 205) acrescenta ainda que a forma como os indivíduos se posicionam no espaço e os sentimentos que estabelecem resultam da síntese de numerosos dados, que podem ser de ordem visual, auditiva, quinestésica, olfativa e térmica.

regularizada, ensino superior, empregada de administração, comércio e serviços), que afirma que se “pode apanhar micróbio no inverno...”. A entrevistada, médica epidemiologista, classifica essas particularidades como fazendo parte da “cultura latina”, o que contrasta com a cultura e a conduta das pessoas eslavas, mais “calmas”, mais “higienistas” e com um maior grau de autocontrole emocional. Anastacia enuncia essas diferenciações:

Não, pessoa portuguesa fala e usa esta [*sic*] mãos, tudo, tudo, gordura come, eu também, pode fazer negativos muitas, pode fazer e eu não sei. [...] mas cultura russa mais calma, tudo. Aqui pode comer e falar e gritar, como aqui fala com pessoa. Não, não, não pode ser isso, não. [...] mais calma, não precisa dar beijinhos, não, só isto [e simula um cumprimento com a mão].

Ainda na continuidade de uma atitude hipercrítica e de julgamento das condutas na sociedade de acolhimento, os entrevistados não deixam de revelar uma espécie de oposição, ainda presente na sua estrutura mental e nos seus discursos, entre, de um lado, os europeus ocidentais (anomia, desregramento, liberdade ou quase libertinagem) e, de outro, os europeus do Leste (organização, disciplina, autocontrole).

No que concerne às *relações conjugais entre cidadãos nacionais*, Tatiana se mostra perplexa perante a liberdade e a autonomia que homem e mulher dispõem no seio de uma relação conjugal, principalmente entre casais mais escolarizados. A entrevistada diz que nunca aceitaria manifestações de emancipação e autonomia:

- Por exemplo, se eu caso e já sou casada, se tenho amigos casados só posso sair... não posso sair sozinha, não posso, por exemplo, ir a fim de semana passar com as amigas.
- Na Ucrânia?
- Sim. Não posso. Em Portugal, por exemplo, eu já conheço muita gente, por exemplo, que são [*sic*] casados ou namoram há muito tempo e ele pode ir passar férias com os amigos e não sei quê... Eu nunca abro a minha cabeça como é que um homem pode fazer isto com os amigos

Natacha considera que a mulher portuguesa dispõe de um maior grau de autonomia ante seus companheiros, ao passo que a ucraniana não atingiu esse patamar de emancipação. A maior liberdade parece ter efeitos perversos, já que a entrevistada sugere uma maior desunião nas famílias portuguesas:

Cada um vive a vida dele... Para nós ainda mulher é aquela, pronto, que acolhe a família, o foco da família, não é? As crianças e tudo... Para a mulher é muito importante. Para a mulher portuguesa já não é assim. É mais avançada talvez, e mais independente. Nós ainda não somos tanto [sic] independentes, mesmo que... ganhamos na mesma. Mas ainda sentimos aquela dependência de marido.

Alguns entrevistados também concebem a maior autonomia da mulher portuguesa como um sintoma de desunião e desarmonia familiar. Irina (38 anos, ucraniana, regularizada, ensino superior, empregada de administração, comércio e serviços, casada) observa relacionamentos familiares em que marido e mulher parecem ter vidas autônomas, não parecendo partilhar uma vida em comum. A entrevistada assinala com surpresa que:

[...] aqui em Portugal todos têm carro, têm tudo, mulher vai para um lado, marido para o outro, só telefonam, marido trabalha no norte, outro [sic] no sul; isto é que chamam marido e mulher, na Ucrânia, não, e é marido e mulher já pronto, você vai e, por exemplo, marido vai para um lado... Na Ucrânia, há só um carro, o marido vai buscar mulher ao trabalho e traz para casa.

A socialização desses indivíduos e as experiências que trazem do seu país de origem assentam claramente na valorização da ideia de que a mulher, para além de assumir outros papéis sociais, tem a responsabilidade da gestão da vida doméstica, responsabilidade essa que não deve ser delegada a ninguém. Vladislav evidencia a importância da mulher na gestão da vida doméstica e familiar:

E objetivo de mulher não é mau ser ela [que] trata [da] casa, não é mau ser ela que trata do seu marido e do filho? É natural, é natural dos mil anos [sic] quase existe uma sociedade humana. As mulheres lá ensinaram-nas, não é desde o nascimento mas... que o senhora é a preocupação de casa. Não é obrigatória [sic] preocupar de [sic] casa, porque o homem também ajuda, mas também para ela.

Os entrevistados estranham e até questionam algumas práticas adotadas por algumas famílias portuguesas na gestão do seu cotidiano. Jantar e almoçar fora, comprar comida já preparada e ter uma empregada doméstica são práticas que desconheciam, e, na sua óptica, revelam a não valorização, o desinteresse e a demissão da mulher em relação às atividades de caráter doméstico. Oxana confessa sua incompreensão, revelando que

jamais uma mulher russa deixará de executar tais tarefas. A entrevistada manifesta indignação perante tais práticas, que permitem, no entanto, aliviar a sobrecarga das tarefas domésticas que recaem sobre as mulheres:

Depois, ela [vizinha] chegava, eu estou a fumar, fui fumar mais uma vez, ela chegava a casa e depois família toda, o marido dela, os filhos saírem para jantar fora, um dia durante a semana. Desculpa lá, eu tenho a certeza que comida, cozer à mão, tem muito mais sabor do que no restaurante, porque comer um bife que tão duro, tão duro e batata frita ou arroz, não é saudável. Em casa, tu podes fazer muita coisa, variar, não sei quê, e acho que muito melhor. Eu nunca fui à lavanderia, nunca mandei minha roupa, não sei quê, à lavanderia, sempre fiz tudo e faço tudo muito bem, não faço, eu estou a passar a ferro muito melhor que qualquer lavanderia.

Estas mulheres acham que o desempenho das tarefas domésticas é algo inerente à condição feminina, uma vez que se trata de um papel socialmente esperado. Já era assim no tempo das suas mães, e as entrevistadas não fazem mais do que reproduzir práticas incorporadas de gerações passadas.

Diante da sociedade portuguesa, os entrevistados deixam transparecer, no discurso, alguns estereótipos. Realçam a existência de erosão e queda de importância da instituição familiar, para além da diversidade no plano das formas de organização da família. Natacha reflete sobre estes aspectos, mostrando alguma estranheza quanto às rupturas familiares, nomeadamente o divórcio⁷:

É isso que, pronto, e depois que vivem em cantos separados. Vivem... o filho fica fim de semana com o pai, toda a semana com a mãe. Ou que vivem não casam pela igreja e pela... pronto, vivem. Juntam-se e vivem. Para nós isso um bocadinho... Agora também começaram a aparecer famílias assim. Mas ainda há uns anos a família era normal.

Viktor observa diferenças na forma como os jovens casais iniciam a vida conjugal, na condição de coabitação. Com efeito, na sua perspectiva, os jovens portugueses manifestam um maior grau de autonomia e de liberdade ante os pais, já que “em Portugal viver com a namorada e depois separar é normal”. Na Ucrânia a situação é distinta. Em geral, nos vilarejos, o jovem casal tende a viver na casa dos pais e “nas cidades compram uma casa ao pé dos pais, mas não é na mesma casa”.

Pedro constata a existência de diferenças relevantes entre os jovens portugueses e os ucranianos. Destaca a maior liberdade, abertura e auto-

7. A informação quantitativa patente no *Demographic Yearbook* (2006), publicado pela ONU, refuta esta percepção enviesada, já que, em 2004, Portugal apresentava uma taxa bruta de divórcios de 2,2%, bastante abaixo dos valores registados na Ucrânia (3,7%) e na Rússia (4,4%). No entanto, é verdade que, em Portugal, os números têm subido, pois, em 2001, a taxa era de apenas 1,8%. A Rússia tem registado uma inversão de tendência, já que nesse ano a taxa bruta de divórcios era de 5,2%, enquanto na Ucrânia há uma maior estabilidade de valores, já que, em 2001, a taxa era similar à de 2004. Porém, importa referir que a taxa bruta de nupcialidade, quer na Rússia (7,6%, em 2004), quer na Ucrânia (7,8%), é substancialmente superior à portuguesa (5,1%).

nomia demonstradas pelos portugueses, que desde muito cedo têm acesso a múltiplas e diversas experiências. O entrevistado realça que, entre os portugueses, “há muita droga, os jovens com 14-16 anos já experimentaram tudo... Nos ucranianos há mais educação, mais controle e disciplina; a escola é obrigatória, também há droga, mas muito menos”. Ele, de certo modo, não deixa de atribuir aos jovens seus concidadãos uma certa superioridade moral e social.

Para alguns dos entrevistados, em Portugal os jovens manifestam precocidade no plano das aprendizagens que marcam a transição para a vida adulta. Na Rússia, Anastacia era médica epidemiologista e demonstra alguma indignação ao constatar que os jovens portugueses iniciam sua atividade sexual relativamente cedo. Ela declara com surpresa: “Aqui já sabe tudo, o quê, qual comprimido precisa comprar, usa preservativos, tudo sabe... Jovens russo [*sic*] fica mais calmo...”.

Os entrevistados deixam transparecer uma comparação enviesada: os comportamentos dos mais jovens, no seu país de origem, são marcados por certa pureza e ingenuidade, diferentemente do que observam no país de acolhimento, em que os jovens adotam comportamentos e práticas censuráveis no âmbito social, como se estes fossem inexistentes na sociedade de origem.

Para Nicolai, parece haver em Portugal um rápido processo de autonomização do jovem em relação à família, já que se marca bem a sua individualidade ante o núcleo afetivo de origem, privilegiando as aprendizagens e relações no seio do grupo de pares. No seu entender, tal fenômeno tem efeitos mais negativos do que positivos, e salienta a existência de um maior isolamento dos indivíduos, bem como uma espécie de enfraquecimento da densidade das relações familiares. Ele destaca a importância da manutenção das relações de solidariedade familiar, afirmando que entre os ucranianos ainda subsiste certo sentido de responsabilização dos pais em relação aos filhos (e vice-versa), que não termina quando os indivíduos se tornam adultos e constituem sua própria família. E observa:

[...] aqui não sei se há, se filho já tem 21 anos, 18 anos, depois ele pode viver sozinho, sozinho, não interessa nada que ele vai fazer, vai trabalhar ou vai estudar. Nós não, nós toda vida para ajudar primeiro [*sic*] filhos, depois... não sei como, depois filho de filho... pai e mãe... ajudamos para... para... eu agora vou ajudar... eu sempre ajudo para [*sic*] minha avó, avó porque ela está velha, já 80 anos e eu faço serviço em casa dela, dá dinheiro para comprar qualquer coisa, compro televisão.

Estas observações a propósito dos jovens nacionais contrariam os fatos. Atendendo aos dados do European Social Survey (ESS, 2002-2003), em Portugal, tal como na Espanha, apenas 2% de jovens entre 15 e 29 anos vivem sozinhos, valores bastante aquém dos que se registram em outros países do sul da Europa, como Grécia (8,3%) e Itália (4,6%). No sul da Europa, a quantidade média ronda os 4,2%, distante dos jovens escandinavos que vivem sós, cuja quantidade média é 23,1% (Torres *et al.*, 2004, p. 3). Em comparação com os países escandinavos, assim como com os do norte e centro da Europa e países do recente alargamento, é em Portugal e nos outros países do sul que os agregados em média são classificados como numerosos, com 3,3 pessoas. É também aqui que ainda se encontram “mais casais a viver com filhos, o que, conjuntamente com as elevadas dimensões do agregado familiar, poderá indicar que os jovens permanecem em casa dos pais até mais tarde” (ESS, 2004, p. 12).

Tendo por base os depoimentos, talvez haja uma atitude de clara sobrevalorização do seu quadro de valores, possível forma de defesa identitária e reafirmação da autoestima, como grupo (nacional). Por outro lado, estas opiniões são manifestadas principalmente por indivíduos com idades superiores a 30 anos e criados num contexto socioeducativo mais autoritário e opressivo, o que ajuda a compreender esta percepção de certo modo desvirtuada e unilateral da sociedade de acolhimento.

O “distanciamento cultural” deriva, para alguns dos entrevistados, do fato de os portugueses pertencerem ao que eles chamam “latinidade”, em contraposição à sua suposta “cultura eslava”, a que se associam formas de ser e de agir diferenciadas. Apesar das diversidades, os interlocutores salientam que ambas se inscrevem numa suposta “cultura europeia”. Contudo, não se coíbem em apontar *atributos* classificados como *negativos* e que recobrem vários domínios, desde a atitude do cidadão português ante o trabalho, a sua “forma de ser”, a maneira como se relaciona com o “Outro” (estrangeiro e imigrante), até algumas práticas culturais e valores específicos.

No domínio do *mercado de trabalho*, os entrevistados efetuam constantemente um exercício de comparação social entre trabalhadores portugueses e trabalhadores imigrantes, em termos de qualidade, competência, formação e compensações. A este respeito é até possível esboçar uma espécie de estereótipo pormenorizado do trabalhador português. Criticam a postura do trabalhador nacional, que, apesar de auferir os mesmos níveis salariais que o imigrante (ou até superiores) no exercício das mesmas funções, registra um tempo efetivo de trabalho mais reduzido, não cumprindo com pontualidade

e rigor o horário de trabalho. Anatoli (47 anos, ucraniano, regularizado, ensino superior, operário da indústria e construção, desempregado) exclama: “Ah, os portugueses! Eu sei que os portugueses... algumas pessoas andarem no... não é no trabalho, recebem dinheiro para andar todo o dia a tomar cafés e cervejas. Só que nós aqui, faltar dinheiro e tem que se [*sic*] trabalhar, não pode andar assim”.

A falta de rigor e de responsabilidade no exercício da atividade profissional é assinalada por Viktor, que não entende o comportamento “pouco profissional” dos trabalhadores nacionais, que revelam certa *flânerie*:

[...] eu trabalhei no Carrefour, é diferente porque somos todos iguais: africano, ucraniano, português, todos temos que varrer o chão... pronto, varremos, mas às vezes: “Olha, eu vou buscar farinha”, estão lá meia hora porque não quer varrer e não vêm; há alguns assim... portugueses, africanos. Tipo: “Olha, eu vou fumar um cigarro agora”, quando o chefe disse: “Varrer o chão”, ele vai fumar um cigarro e fica lá.

O baixo ritmo e as constantes paradas que o trabalhador português efetua durante uma jornada de trabalho são aspectos criticados por Alex (2) (45 anos, russo com cidadania ucraniana, não regularizado, operário da indústria e construção), que diz claramente que “o português não gosta de trabalhar: se tem horário de oito horas, ele só trabalha quatro horas, por exemplo, se trabalha na construção, ele tira um bocado de madeira e anda de lado para lado, o que eu faço em dois dias o outro faz em duas semanas”. Sergey confessa que, antes de vir para Portugal, tinha alguns preconceitos em relação aos portugueses, que na sua óptica são os mesmos que circulam em outros países europeus, como por exemplo: “Que pobre país, que muito *lazy person*... Isto tem estes estereótipos porque não sei a verdade...”.

Irina assinala que os portugueses não mostram interesse nem gosto pelo trabalho, dificilmente se concentram no que estão fazendo e dispersam-se em outras atividades não laborais. Para ela, é mais do que evidente que “eles não gostam de trabalhar, gostam de falar muito e isto eu não gosto”. Alex (2) ficou estupefato quando foi advertido pelo próprio empregador para abrandar o ritmo de trabalho, encarando essa advertência como reveladora de uma atitude de acomodação e de falta de ambição por parte da entidade empregadora. E conta: “Patrão não tem interesse se se trabalha melhor e em quantas horas. O patrão disse: ‘É tudo muito rápido, precisa trabalhar mais calmo, o outro trabalha calmo e ganha igual’”.

Ainda em cenários laborais, alguns entrevistados revelam certo mal-estar interior, manifestando um sentimento de inferioridade que parece já ter sido subjetivamente incorporado. Também lamentam estar numa posição de subordinação no mercado de trabalho, permanecendo sob ordens de empregadores que têm apenas os quatro primeiros anos de escolaridade. Leonid diz que “isto ofende um bocadinho. Sente algo, mas não protesta”. Nicolai queixa-se da atitude das chefias, que em geral assumem uma postura de sobrançeria e menosprezo ante os operários imigrantes qualificados, não aceitando sugestões quanto às formas de organização e execução do trabalho. O entrevistado conta:

[...] muita gente que estuda nada, estuda quanto, quatro, cinco, seis, não sei quanto, oito anos, depois eles pensa [*sic*] que... e também há muitos [*sic*] pessoas que trabalha [*sic*] obra e gerentes e engenheiros e outros, e nós percebemos mais que eles. Eles dizem: “Olhe, tem que fazer assim, assim, assim”, nós dizemos: “Olhe, é melhor fazer doutra forma”, e eles dizem: “Não, eu sei melhor”, pronto, sabes, sabes, eles fazem, mas depois sai mal, depois tira [*sic*] e faz outra coisa.

Anton (37 anos, ucraniano, não regularizado, ensino superior, trabalho não qualificado na indústria e na construção) satiriza a situação dos nacionais quanto ao trabalho realçando que “78% dos homens portugueses são patrões... todas as mulheres estão em casa, não fazem nada... e os restantes trabalham para o Estado”. Há aqui uma espécie de hipérbole, em que se omite que a maior parte dos portugueses é formada por trabalhadores por conta de outrem, e por outro lado se desvalorizam as elevadas taxas de atividade das mulheres nacionais.

Alguma ambivalência e até diversidade de opiniões são detectadas na apreciação que os imigrantes fazem a propósito da “forma de ser” dos portugueses, que ora é classificada como mais reservada e cautelosa, ora como reveladora de abertura e expansividade. Quando chegou a Portugal, Vladimir ficou com a impressão de que os portugueses pareciam ser “pessoas simples”, mas, com o passar do tempo, o entrevistado teve oportunidade de constatar que a “simplicidade” não é de fato sinônimo de abertura. A falta de flexibilidade dos nacionais, no nível do raciocínio lógico, é um dos aspectos que mais surpreendeu Vladimir, que estranha a interiorização e a consolidação de esquemas mentais que se baseiam na mera rotina e repetição. O entrevistado exemplifica:

[...] portugueses só pode [sic] viver na sua vida com coisas que ele já conhece, mas ele não conhece, às vezes, caminhos mais pertos [sic] da mesma coisa. Nós, porque sempre tentamos outros caminhos, sempre pode dizer: “Olha, este pode ser mais fácil, mais rápido”, mas ele sempre diz: “Não, não, não, vamos fazer como nós fazemos muitos anos”, pronto. E por isso sempre nós pensamos, eu não quero pensar mais nada, não quero procurar algum caminho mais perto, para todos [sic] empresas, já percebi.

Os portugueses são ainda encarados como pessoas tristes, melancólicas e pessimistas. Olga não percebe por que razão os portugueses parecem tão sorumbáticos, questionando: “Desculpa lá, portuguesa não gosta muito de rir. Ucrânia e Rússia muito rir, muito feliz. Portugal, não. Para mim, Ucrânia tem muito [sic] pessoas feliz, a rir; Portugal, não! É muito triste; não sei por quê”. Tais traços de comportamento são considerados por Danilo (46 anos, ucraniano, regularizado, ensino superior, desempregado) algo estruturante e que são incorporados de forma precoce na socialização dos cidadãos nacionais. O entrevistado diz: “Quando pessoa nasceu pessimista no tempo da infância, tem cinco anos, tem [sic] pessimista e depois pessimista”. Esse fatalismo parece ser incontornável.

Um dos aspectos mais criticados na população nacional, mencionado por Leonid, é o fato de as “pessoas prometerem e depois não cumprirem”. Esta falta de responsabilização pelos compromissos, por mais simples que sejam, é encarada como sinal de desonestidade, falta de palavra e rigor, e até como reveladora de certa imprevisibilidade comportamental. Anna inicialmente pensava que os portugueses estavam sempre mentindo, mas “agora já estão [sic] habituados”.

Nos modos de interação, também emerge a ideia de certo calculismo por parte dos cidadãos nacionais, que só se relacionam com os imigrantes na medida em que possam ter algum ganho econômico. Anton diz: “Os portugueses, quando eles precisam de ti, de alguma pessoa, eles podem fazer tudo. Quando ganhas dinheiro para eles, depois eles fazem bem”. Irina revela que, em Portugal, as relações humanas não são lineares, mas problemáticas e conflituosas: “Aqui, pronto, qualquer coisinha... não sei. Qualquer coisinha... passa muitos dilemas e...”.

A educação cultural e a formação escolar média dos portugueses são uma das dimensões mais negativamente apreciadas pelos imigrantes russos e ucranianos. Zina (45 anos, russa, regularizada, ensino superior, casada) diz que os nacionais “pouco conhece [sic] física, matemática, química...”.

Os portugueses também não dominam o que os imigrantes designam por “cultura clássica”. Entre estes, encontra-se ainda a valorização da cultura superior, composta principalmente de formas artísticas do passado, dentro de determinada tradição estética, em que se destacam os autores consagrados da literatura russa e manifestações artísticas, como o balé e a música clássica, admirados e merecedores de reconhecimento. Revelam ainda uma preocupação em conservar e passar estes conhecimentos às novas gerações, avaliados como capital cultural transmitido não só pela escola no país de origem, mas também pela família, e que lhes confere *status* social e intelectual superior. Este aspecto não deixa de ser um elemento de afirmação, contrariando o efeito dominante que observam na sociedade de recepção (economia e sociedade de mercado), que se orienta no sentido da homogeneização e da imposição de outro arbitrário cultural e de uma ordem uniformizante.

Características preferenciais e similaridades em relação à maioria

Para alguns entrevistados não existem diferenças assinaláveis entre imigrantes e portugueses. Na perspectiva de Oleg, até há mais similitude do que contraste, principalmente entre portugueses e ucranianos da zona oeste:

Para mim, por exemplo, onde eu moro, na Ucrânia Oeste... nós, católicos, religião católico [*sic*], mas não muito problemas da... problema da religião ou outro, pessoas que mora [*sic*] na Ucrânia Leste já mais problemas, mais diferente... Nossa cultura... cultura da Europa, mas uma cultura da Europa tem pouco diferente.

Elena observa algumas similitudes na “forma de ser” entre russos e portugueses, dizendo que ambos são “ingênuos, sim, bondosos, bastante... religiosos, também bastante...”.

Vladislav assinala que os aspectos de maior proximidade com os cidadãos nacionais radicam na partilha de alguns valores comuns, assim como de algumas crenças de carácter religioso. O interlocutor pormenoriza as similitudes, notórias em vários domínios:

Maneira de vestir-se, maneira de preocupação de educação, acho eu. Não sei se portugueses estão preocupados. Maneira de viver nas casas, não é criar um barraco ou não sei quê. Maneira familiar, não tem discriminação das senhoras com trabalho em casa. Também somos cristãos... E objetivo de vida acho que é trabalhar, melhorar a vida, melhorar a vida de seus membros e sempre subir, acho eu.

No plano religioso, Oxana conta que, há cerca de sete ou oito anos, ocorreu na Rússia uma espécie de reativação do interesse em alguns setores da população pelas práticas religiosas, notando, inclusive, entre os imigrantes em Portugal, um renovado alento nesse sentido. No entanto, esclarece: “na Rússia não podes ouvir tantas vezes por dia ‘se Deus quiser’; ‘até amanhã, se Deus quiser’; ‘até para semana, se Deus quiser’ e ‘vamos ganhar, se Deus...’. Nós não chamamos o Deus tantas vezes por dia por coisas pequeninas”.

Os entrevistados apreciam também a abertura e a curiosidade dos portugueses em aprender, por exemplo, palavras em língua russa e ucraniana, assim como em conhecer tradições e costumes eventualmente estranhos. Mas o que os imigrantes avaliam de forma positiva é a atitude de aceitação e tolerância que os portugueses parecem manifestar com os estrangeiros. Sergey considera que a sociedade portuguesa não é xenófoba, comparada a outras populações autóctones de outros países europeus, como é o caso dos franceses. Afirma que “na França são um pouco chauvinistas”, enquanto “os portugueses são muito benevolentes”. Antes de vir para Portugal, Anton trabalhou na República Checa e na Alemanha, e confessa que, nestes países, os níveis de rejeição ao imigrante são mais salientes: “Aqui é mais fácil entrar no contato”. Este entrevistado recorda que, por exemplo, na Alemanha, havia uma notória atitude de fechamento dos autóctones em relação aos estrangeiros, nomeadamente imigrantes. Eles dizem que “não querem... contatar a nível pessoal”.

Entre os interlocutores, é apreciada em particular a solidariedade dos nacionais com os imigrantes, nomeadamente a sua disponibilidade para ajudar. Zina afirma que os portugueses têm “coração muito bom”. Num determinado segmento dos entrevistados, há uma espécie de “branqueamento do racismo e da discriminação”. Este grupo assevera que, em Portugal, não há racismo, argumentando que os imigrantes têm boa aceitação no mercado de trabalho e de arrendamento na sua área de residência e em outras esferas da sociedade. Nicolai inscreve-se nesta linha de pensamento ao declarar que “eu gosto deste país porque aqui gente não faz mal para mim, ninguém, nenhum português quer fazer mal”.

Porém, na realidade, a aceitação manifestada pelos membros da sociedade de acolhimento não é propriamente algo uniforme e unívoco. Vladislav nota que há uma maior abertura por parte dos portugueses que já foram emigrantes e que, com facilidade, se autoprojetam nestes “novos” imigrantes. O entrevistado conclui: “No geral pessoas mais abertas quando pessoas

emigraram, pessoas melhor, pessoas que tiveram experiência lá é que fala [*sic*] nisso”.

Os imigrantes realçam ainda que os cidadãos nacionais são indivíduos alegres, comunicativos e que têm certo sentido de humor, o que contraria o estereótipo acima enunciado de indivíduos tristes, melancólicos e pessimistas. Leonid está em Portugal desde 1997 e revela que hoje já entende o que ele chama de “humor negro” dos portugueses, o que, no início da sua estadia, não percebia e até achava descabido. Elena, que dispõe de uma Autorização de Residência porque é casada com um cidadão português, aprecia o sentido de humor da população, que na sua perspectiva tem similaridades com o humor russo. Segundo ela, os portugueses “têm sentido de humor, é bom. Aqueles ‘Malucos do Riso’ [programa de humor transmitido por um canal de televisão em Portugal], eu gosto muito daquele... muito parecido e muito... É maneira e coisas que é [*sic*] engraçado também”. O tempo de estadia em Portugal e a estabilidade associada aos projetos de médio e longo prazo de permanência são fatores que podem condicionar o grau de positividade da avaliação por parte destes imigrantes, assim como uma tendência a suavizar diferenciações mais marcantes e ressaltar similitudes.

Entre as práticas que geram mais proximidade parecem estar as manifestações de convívio social, em que o álcool está também presente. Tais práticas são encaradas pelos entrevistados como social e culturalmente condicionadas, e raramente são condenadas ou reprovadas, mesmo quando há excessos. Anatoli declara: “Nós também gostamos de cerveja, vinho bom, a mistura de cerveja e bagaço é bom [*sic*], mas faz mal à cabeça”.

Conclusão

É, com efeito, no quadro de interação com os “Outros” que emergem aproximações, similitudes, oposições e distanciamentos. Evidencia-se uma clara dissonância entre a identidade social real (identidade para o “Eu”/“Nós”) e a virtual (para a maioria, ou para os “Outros”) (Goffman, 1988 [1963]).

Os imigrantes avaliam como globalmente positiva a maneira pela qual a maioria os percebe, apreciando a qualidade e a capacidade de trabalho, maior produtividade, credenciais escolares, contribuição para o sistema de segurança social e para o sistema fiscal, assim como a “beleza” da mulher. Porém, reconhecem que sua imagem pública tem se deteriorado, mostrando-se preocupados com informações estigmatizantes que os associam à “cri-

minalidade organizada”, ao fenômeno dos sem-abrigo e a comportamentos reprováveis advindos da dependência ao álcool.

Tanto a definição do “Nós” como a do “Outros” integram “teorias implícitas” sobre o modo de ser e o modo de vida do “Eu” e do “Outro”. Tais representações parecem ser mais condicionadas pelos *media* e estereótipos genéricos que fazem parte do domínio do senso comum, do que propriamente pela existência de experiências de contato e de relacionamento efetivo.

Ao menos aparentemente, os imigrantes procuram não ostentar suas diferenças, tentando até encobri-las em alguns casos. As fronteiras são bem marcadas, principalmente no âmbito dos relacionamentos que implicam maior intimidade, como a amizade e a relação conjugal. Entre imigrantes e portugueses, o distanciamento social, cultural e étnico é significativo. Parece-nos que o que afasta a maioria desses imigrantes está cada vez mais visível, o que no futuro pode significar o abrandamento dessa distância, principalmente entre aqueles que optarem por permanecer em Portugal. De acordo Simmel, à medida que os elementos comuns e similares são gerais, a relação tende a ser mais fria e distante. A consciência de não se ter em comum mais do que o geral leva a que se acentue de forma particular o que não é comum (cf. Simmel, 1986, p. 721).

Pode parecer paradoxal a conjugação entre certo grau de aparente proximidade cultural e certa distância relacional. Num primeiro momento, é notória nos discursos a tentativa de desvalorizar as diferenças culturais, argumentando-se que existem mais similaridades e aspectos de proximidade. Mas, ao longo da conversação, os elementos de distanciamento vão ganhando relevância especial, inicialmente não admitida.

O distanciamento cultural é associado à oposição de base entre “cultura latina” e “cultura eslava” – oposição que se manifesta no suposto “modo de ser” dos portugueses, e que indicia a existência de estereótipos e preconceitos. Aos portugueses são conferidos atributos como falta de autocontrole e disciplina, uso de um tom de voz demasiado alto, recurso excessivo à verbalização, à gestualidade, às expressões faciais, bem como falta de rigor. Outras informações configuram representações estereotipadas: maior número de divórcios, desunião e desarmonia familiar, precocidade com que os jovens iniciam sua sexualidade e vida conjugal por via de coabitação, experimentam drogas e se autonomizam em relação ao núcleo familiar de origem.

Mas o distanciamento relacional parece assumir relevância entre a maioria (portugueses) e os imigrantes russos e ucranianos. A língua é considerada um dos aspectos que mais condiciona a capacidade de se estabelecer relações

de maior proximidade e profundidade. Há uma “fronteira invisível” e de difícil transgressão, o que faz com que as relações entre estes imigrantes e os portugueses pareçam restritas, em muitos casos, ao mundo do trabalho. Notam por parte da maioria certa retração à intimidade, espécie de medo, aliado a certo temor diante do desconhecido. Entre os imigrantes, há, porém, quem também revele desconfiança e receio em se aproximar dos membros da sociedade majoritária e de outras minorias. O que parece ser comum à maioria dos entrevistados é a dificuldade em estabelecer relações de amizade e de companheirismo com os portugueses; quando elas existem, são classificadas como transitórias, pontuais e de difícil manutenção.

Em suma, quando olham para a sociedade de acolhimento, os imigrantes valorizam essencialmente a solidariedade informal e institucional dos portugueses, a tolerância e a aceitação em relação aos estrangeiros.

Referências Bibliográficas

- ABRIC, Jean-Claude. (1994), “L'étude expérimentale des représentations sociales”. In: JODELET, Denise (dir.), *Les représentations sociales*. Paris, PUF, pp. 187-203.
- BAGANHA, I. (2004b), “Immigrants and the labour Market: the Portuguese case”. *Metropolis International Workshop – Proceedings*. Lisboa, Luso-American Foundation, pp. 89-120.
- *et al.* (2004a), “The unforeseen wave: migration from Eastern Europe to Portugal”. In: BAGANHA & FONSECA (eds.), *New waves: migration from Eastern to Southern Europe*. Lisboa, Luso-American Foundation, pp. 23-39.
- BATAILLE, Philippe. (1999), “Racisme institutionnel, racisme culturel et discriminations”. In: DEWITTE, Philippe (dir.), *Immigration et intégration*. Paris, La Découverte, pp. 285-293.
- BOURDIEU, Pierre *et al.* (dir.). (1993), *La misère du monde*. Paris, Seuil.
- CÁDIMA, Francisco Rui (coord.). (2002), *Representações (imagens) dos imigrantes e das minorias étnicas nos media*. Lisboa, Acime/FCT.
- CASTLES, Stephen. (2000), *Ethnicity and Globalization*. Londres, Sage.
- CHAMPAGNE, Patrick *et al.* (1990), *Initiation à la pratique sociologique*. Paris, Dunod.
- CHECA, Francisco. (2002), “Los inmigrados: la discriminación y exclusión diseñada”. *Antropológicas*, 6: 87-119.
- DEVOS, Thierry *et al.* (2002), “Experiencing intergroup emotions”. In: MACKIE & SMITH (eds.), *From prejudice to intergroup emotions: differentiated reactions to social groups*. Nova York/Hove, Psychology Press, pp. 111-314.

- FONSECA, M. Lucinda (coord.). (2005), “Reunificação familiar e imigração em Portugal: relatório final”. Lisboa, CEG.
- *et al.* (2004), “Immigration to medium sized cities and rural areas: the case of Eastern Europeans in the Évora Region (Southern Portugal)”. In: BAGANHA & FONSECA (eds.). *New waves: migration from Eastern to Southern Europe*. Lisboa, Luso-American Foundation, pp. 91-118.
- *et al.* (2005), “Portugal”. In: NIESSEN *et al.* (eds.). *Current immigration debates in Europe: a publication of the European migration dialogue*. Brussels, Migration Policy Group, pp. 325-354.
- & MALHEIROS, J. M. (coords.). (2005), *Social integration and mobility: education, housing and health* (Imiscoe Cluster B5 State of the Art Report). Lisboa, CEG.
- GAMELLA, Juan F. (dir.). (1996), *La población gitana en Andalucía. Un estudio exploratorio de sus condiciones de vida*. Sevilla, Junta de Andalucía.
- GIDDENS, A. (1994), *Modernidade e identidade social*. Oeiras, Celta.
- GOFFMAN, Erving. (1988), *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade manipulada*. 1ª edição 1963. Rio de Janeiro, Guanabara.
- . (1993), *A apresentação do eu na vida de todos os dias*. 1ª edição 1951. Lisboa, Relógio d’Água.
- GUILLAUMIN, Colette. (1993), “La ‘différence culturelle’”. In: WIEVIORKA, Michel (dir.). *Racisme et modernité*. Paris, La Découverte, pp. 149-151.
- HALL, Edward T. (1986), *A dimensão oculta*. Lisboa, Relógio d’Água.
- ICS/ISCTE & FCT. (2004), *ESS – Inquérito social europeu: resultados globais*. Lisboa, ICS/ISCTE/FCT.
- JODELET, Denise. (1994), “Représentations sociales: un domain en expansion”. In: JODELET, Denise (dir.). *Les représentations sociales*. Paris, PUF, pp. 32-61.
- KING, Russel & RIBAS-MATEOS, Natália. (2005), “Migração internacional no mediterrâneo: ‘o modelo do sul da Europa’”. In: BARRETO, António (org.). *Globalização e migrações*. Lisboa, ICS, pp. 191-221.
- LAGES, Mário (coord.). (2005), *Os imigrantes e a população portuguesa: imagens recíprocas*. Lisboa, Acime (versão provisória).
- & POLICARPO, Verónica. (2002), *Análise preliminar de duas sondagens sobre os imigrantes em Portugal*. Lisboa, Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa e Centro de Estudos e Sondagens de Opinião (versão provisória).
- MACHADO, Fernando Luís. (2003), “Imigração e imigrantes em Portugal: parâmetros de regulação e cenários de exclusão”. *Sociologia Problemas e Práticas*, 41: 183-188.
- MALESEVIC, Sinisa. (2004), *The sociology of ethnicity*. Londres/Nova Delhi, Thousand Oaks/Sage.

- MALHEIROS, Jorge Macaísta. (2005), “Jogos de relações internacionais: repensar a posição de Portugal no arquipélago migratório global”. In: BARRETO, António (org.), *Globalização e migrações*. Lisboa, ICS, pp. 251-272.
- MENDES, Maria Manuela. (2007), “Representações face à discriminação: ciganos e imigrantes russos e ucranianos na área metropolitana de Lisboa”. Lisboa, ICS-UL.
- MOSCOVICI, Serge. (1988), “Notes towards a description of social representations”. *European Journal of Social Psychology*, 13: 211-250.
- ORTIZ, Renato (org.). (1983), *Pierre Bourdieu*. São Paulo, Ática.
- PHILIPPE-LEYENS, J. *et al.* (2002), “Expressing emotions and decoding them, ingroups and outgroups do not share the same advantages”. In: MACKIE, M. Diane & SMITH, Eliot R. (eds.), *From prejudice to intergroup emotions: differentiated reactions to social groups*. Nova York/Hove, Psychology Press, pp. 135-151.
- PORTES, Alejandro. (1997), “Theory for a new century: some problems and opportunities”. *International Migration Review*, 31: 799-821.
- ROCHERON, Yvette. (1999), “Les mariages mixtes, un indice anthropologique de l’assimilation”. In: DEWITTE, Philippe (dir.). *Immigration et intégration*. Paris, La Découverte, pp. 205-211.
- RODRIGUES, Almiro *et al.* (1986), “A representação social de ‘justiça’ em Portugal: uma análise psicossocial da percepção do aparelho judiciário”. *Análise Psicológica*, 3/4 (IV): 377-460.
- SHULMAN, Stephen. (1999), “The cultural foundations of Ukrainian national identity”. *Ethnic and Racial Studies*, 22 (6): 1011-1036.
- _____. (2004), “The contours of civic and ethnic national identification in Ukraine”. *Europe-Asia Studies*, 56 (1): 35-56.
- SIMMEL, G. (1986), “Digresión sobre el extranjero”. *Sociología* 2. 1ª edição 1908. Madri, Alianza.
- SOPEMI. (2001), *Tendances des migrations internationales*. Rapport Annuel. Paris, OCDE.
- STEPHEN, Walter G. & RENFRO, C. Lausanne. (2002), “The role of threat in intergroup relations”. In: MACKIE, M. Diane & SMITH, Eliot R. (eds.). *From prejudice to intergroup emotions: differentiated reactions to social groups*. Nova York/Hove, Psychology Press, pp. 191-207.
- TABLONI, Simonetta. (2001), “Il n’y a pas de différence sans inégalité”. In: WIEVIO-RKA & OHANA (dir.), *La différence culturelle: une reformulation des débats*. Paris, Balland, pp. 73-84.
- TAGUIEFF, P.-A. (1987), *La force du prejudice: essai sur le racisme et ses doubles*. Paris, La Découverte.
- TAJFEL, H. (1972), “La catégorisation sociale”. In: MOSCOVICI, Serge (org.). *Introduction à la psychologie sociale*. Paris, Larousse.

- TINGUY, Anne de & PICARD, Alexandra. (1999), “Les Européens de l’Est depuis la chute du Mur”. In: DEWITTE, Philippe (dir.), *Immigration et intégration*. Paris, La Découverte, pp. 158-172.
- TORRES, Anália *et al.* (2004), “Famílias no contexto europeu: alguns dados recentes do European Social Survey”. In: ICS/ISCTE & FCT. *Seminário de apresentação dos resultados do ESS*, pp. 1-12.
- TRIBALAT, Michèle. (1996), *De l’immigration à l’assimilation, enquête sur les populations d’origine étrangère en France*. Paris, La Découverte.
- VALA, Jorge. (2004), “Percepção de ameaça e oposição à imigração”. In: ICS/ISCTE & FCT. *Seminário de apresentação dos resultados do ESS*, pp. 1-16.
- *et al.* (1999), *Expressões dos racismos em Portugal*. Lisboa, Editora do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- VAN DIJK, Teun A. (1997), *Racismo y análise crítico de los medios*. Barcelona, Paidós.
- WIEVIORKA, Michel. (1991), *L’espace du racisme*. Paris, Seuil.
- *et al.* (1992), *La France raciste*. Paris, Seuil.
- WINDISH, Uli. (1994), “Représentations sociales, sociologie et sociolinguistique: l’exemple du raisonnement et du parler quotidiens”. In: JODELET, Denise (dir.), *Les représentations sociales*. Paris, PUF, pp. 169-83.

Resumo

Representações e estereótipos dos imigrantes russos e ucranianos na sociedade portuguesa

A partir de um estudo aprofundado de carácter qualitativo sobre os imigrantes russos e ucranianos residentes na Área Metropolitana de Lisboa (2003-2007), foi possível evidenciar a conjugação de processos de construção e reconstrução de pertença e de diferença nas definições do “Nós” e dos “Outros” (os portugueses). Os imigrantes autorrepresentam-se como culturalmente diferentes ante a sociedade majoritária, tendendo a evidenciar alguns valores (em torno do trabalho, por exemplo) e práticas culturais no nível da interação. Apercebem-se dos preconceitos de que são alvo, manifestando também suas preconcepções diante da maioria. Foi, assim, possível apreender os atributos e os estereótipos atribuídos pelos “Outros” – elementos-chave para a compreensão dos níveis de distanciamento e proximidade entre os grupos em análise e a sociedade majoritária.

Palavras-chave: Imigração; Representações sociais; Estereótipos; Sociedade portuguesa.

Abstract

Representations and stereotypes of Russian and Ukrainian immigrants in Portuguese society

Based on an in-depth qualitative study of Russian and Ukrainian immigrants living in the metropolitan area of Lisbon (2003-2007), the article shows the combination of processes involved in constructing and reconstructing belonging and difference in their definitions of 'Us' and 'Others' (the Portuguese). The immigrants represent themselves as culturally different to the majority society, citing their distinct values (relating to work, for instance) and cultural practices at the level of interaction. While keenly aware of the stereotyped and prejudiced views others have of them, they also reveal their own preconceptions concerning this surrounding majority. This research material allows us to apprehend the attributes and stereotypes projected by the 'Others' – key elements in terms of comprehending the levels of distance and proximity between the minority groups under study and the wider Portuguese population.

Keywords: Immigration; Social representations; Stereotypes; Portuguese society.

Texto recebido em 15/4/2009 e
aprovado em 21/12/2010.

Maria Manuela Mendes é
socióloga e professora auxiliar
da Faculdade de Arquitetura da
Universidade Técnica de Lisboa,
Portugal. E-mail: <mamendess-
ter@gmail.com>.